

Futebol Feminino: masculinização e degeneração do “anjo do lar.”

Gilma Maria Rios¹

Este artigo faz parte dos resultados de um estudo com abordagem de gênero, ou seja, observa “as diferenças sexuais enquanto construções culturais, linguísticas e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo – masculino -, mas presente na trama histórico.”² Tenta-se analisar o discurso desqualificador do futebol feminino em Araguari, cidade localizada no Triângulo Mineiro, nas décadas de 40 a 60. Esta análise se constrói principalmente a partir do corpus documental da revista Ave Maria e do jornal local da época, Gazeta do Triângulo, que circularam pelo espaço social araguarino.

Período em que os eventos desportivos assumem dimensão central como forma de espetáculos e entretenimento, envolvendo os corpos e as emoções coletivas ao redor das práticas esportivas.

Época em que as atenções são dispensadas aos corpos e à “percepção social dos corpos de uns e de outros, e se dá por oposições ligadas à “natureza” dos sexos e pelo medo diante de tudo que possa diminuir ou apagar os signos deste dualismo fundador”³ de ser homem e ser mulher.

Assim, a prática esportiva ao ser incentivada, definia fronteiras entre os universos esportivos feminino e masculino, estabelecendo nítida distinção entre as práticas recomendáveis a cada sexo, observando suas diferentes “naturezas.”

Examinando os discursos da Gazeta do Triângulo e da Ave Maria, pode-se ter uma idéia de como se delineavam as relações homens-mulheres em seus diversos aspectos que iam desde sua atuação no lar, no lazer “sadio” até o esporte que elas deveriam praticar. O futebol feminino nesta época torna-se o cancro da prática esportiva, não devendo ser praticado por mulheres.

As crônicas que circulavam pelo espaço social araguarino sobre o futebol feminino, apresentavam-no como marca de emoções fortes e violentas, promíscuo e brutalizador do ser feminino. Todas essas conotações negativas, o descrédito social relacionado a este esporte, expressam elementos que ameaçam a ordem das relações entre os gêneros. O movimento dos corpos nesta prática esportiva, mais ou menos visíveis através das roupas utilizadas para o jogo, são

¹ - Doutoranda em História pela UNB e Professora da UNIPAC e UNIT em Araguari.

² - MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de Gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: Caderno Pagu(11), Campinas,1998. p.72.

³ - SCHPUN, Mônica Raisa. Beleza em jogo – cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. S.P.: Ed. Senac, 1999.p. 29.

alvos de iniciativas disciplinadoras. Através de um artigo do jornal Gazeta do Triângulo é possível constatar como essas representações eram veiculadas:

“o futebol é um jogo viril só para homens, tanto que nunca se ouviu dizer que os ingleses, seus inventores, o tivessem praticado através de suas mulheres... E se a moda pega, teríamos que ver moças mancando pelas ruas, com tornozelos inchados, canelas esfoladas, esparadrapos pela cabeça, pelo rosto, etc. Ora, francamente, isto não é para moças... espetáculo oferecido por moças distintas de nossa sociedade, correndo, nas canchas araguarinas, atrás da bola, deselegantemente, despida de técnica e de roupas... indiscutivelmente não fica bem a uma moça se expôr ao ridículo dentro de um campo de futebol porque este esporte não se coaduna com a natureza feminina.”⁴

Nota-se que há uma repulsa pela prática do futebol por mulheres, pois este é assimilado à masculinidade/ virilidade/ violência, cujos esforços exigem desgastes de energia física e aumento da massa muscular; as mulheres são representadas como promíscuas por viajarem sem algum membro de sua família. Além disso, questionam a mentalidade a ser formada, pois as moças estavam deixando os estudos, salões de costura e seus empregos para acompanhar suas equipes ao se tornarem profissionais do futebol.

Segundo J.N. Godoy, promotor de justiça que escrevia para o jornal, o futebol feminino tinha de ser analisado sob dois aspectos: o moral e o higiênico. O primeiro aspecto conduzia à conclusão de que as moças estavam-se tornando desocupadas e sem responsabilidades, afetando a conduta moral dessas jovens; no aspecto higiênico, os médicos tinham o direito à fala, pois como esporte “violento”, por desenvolver a massa muscular, pelo esforço físico exigido e pelo desgaste de energia e “outros males” que o futebol poderia causar às mulheres, era “condenável e condenado”.

Percebe-se a importância dada à “graça” e à feminilidade das moças; não permitiam que os troncos e os braços ficassem musculosos; eles deveriam permanecer finos e frágeis. Não era permitido afastar o comportamento corporal ou social das mulheres de sua “natureza” biológica.

As mulheres valorizadas e bem aceitas socialmente eram aquelas que desempenhavam papéis semelhantes aos desempenhados pelas mães: virtuosas, levando uma vida comportada e não recaindo sobre elas algum falatório que desabone sua conduta moral. Essas, sim, são reconhecidas como “boas moças”, que se dedicam à família, ao lar, sacrificam seus desejos e suas vontades em prol da felicidade do “próximo”.

Dentre a variedade de imagens publicadas na Gazeta do Triângulo e na revista Ave Maria, é possível delinear contornos nítidos sobre a influência do futebol no comportamento das mulheres em uma sociedade que possuía papéis femininos e masculinos definidos e iam de encontro com a ordem social estabelecida. A reprodução dessas notas no jornal e na revista configurava uma tendência à fixação de padrões de comportamentos e recomendações com funções normativas, por

⁴ - GAZETA do Triângulo. Futebol Feminino – sob o aspecto moral e higiênico. 17/02/1959.

meio das quais vigiavam os comportamentos no espaço urbano. Tudo leva a crer que nem todos os pais e nem todas moças araguarinas estavam de acordo com esta forma de ver no futebol um “vírus” maléfico para a sociedade.

Em fevereiro de 1959 em primeira página do Gazeta do Triangulo, outra análise:

“... o futebol feminino tornou-se a “coqueluche” dos arraiais esportivos de nossa cidade. E em virtude de seu caráter epidêmico esta contagiando a região Triangulina, já tendo mesmo ultrapassado o velho Paranaíba, para lançar o “vírus” maléfico em terras anhanguerinas... condenado porque o Conselho Nacional de Desportos já teve oportunidades, várias vezes, de declarar proibido o futebol feminino, inclusive o chamado de “salão”... A Federação Paulista, salvo engano, foi admoestada, por entidade superior, por permitir o “futebol de salão”, às moças, sem nenhuma dúvida, os nossos clubes e a Liga Araguarina estão laborando em grave erro... As jovens futebolistas nada terão a perder. Até pelo contrário: ficarão resguardadas de uma popularidade que não as engrandeceria jamais, porquanto custaria preço aviltante...”⁵

Face a esse quadro, vemos a retomada da não aceitação do futebol feminino em Araguari; utiliza-se a interdição do Conselho Nacional de Desporto (C.N.D.) como censura e negação do futebol feminino, mecanismo regulatório, destilador de normas, modelos e verdades.

Ao citar o C.N.D., o colunista da Gazeta do Triangulo, utiliza-o de maneira a forjar e formar condutas, atitudes e posturas em consonância com o padrão de comportamento prescrito, pois este órgão representa um decreto de proibição.

Nesta lógica, há apenas um sexo que pode praticar esse esporte: o masculino. Por isso, a Liga Araguarina e os clubes da cidade estavam incorrendo em um grave erro, devendo o presidente da Liga Araguarina de Futebol, Nestor Scagliarini, recentemente eleito e empossado, tomar as providências necessárias para impedir que continuasse a prática do futebol com equipes femininas.

Por outro lado, tais reiteraões sobre o caráter dos esportes especializados, próprios da “natureza” feminina, não constituíram argumentos suficientemente convincentes. Um mês após a manchete acima citada, foi publicado no mesmo jornal, que se acontecesse o jogo do Araguari A.C. com Tupaciguara E.C., na cidade de Tupaciguara, o Padre Bazzon, daquela cidade, fecharia a Igreja na semana santa, se o jogo do futebol feminino fosse realizado no domingo de ramos.

Nessa atmosfera, o discurso do redator da manchete do jornal equivale ao clamor da população local, como ele estava estarecido com a prática do futebol feminino, condenada pelas normas do Conselho Nacional de Desportos, órgão supremo dos esportes no Brasil, a sociedade também estava. Assim sendo,

⁵ - GAZETA do Triangulo. Futebol Feminino. 18/02/1959.

“... não é de hoje que os mineiros lançam os mais veementes protestos contra essas moças que em meio a mulheres e homens, ficam em tremenda promiscuidade... todavia, nada foi feito para que se colocasse um ponto final nesta aberração, posto, que a seleção de futebol feminina de Araguari, se encontra excursionando por Goiás, deixando dezena de famílias preocupadas com a sorte de suas próprias filhas – conforme nos manda dizer o dr. João de Godoy.”⁶

A fala acima mostra que as diferentes imagens dos comportamentos das mulheres que jogavam futebol, apresentadas pela imprensa, acabam por evidenciar, de forma concreta, a instabilidade e a fluidez do comportamento de mulheres da sociedade araguarina. E isso é percebido como conduta transgressora e desestabilizadora do lar. Via de regra os comportamentos femininos não sinalizavam para os modelos preestabelecidos e institucionalizados.

Ao lançar o futebol feminino para o foco das atenções, reforçar mais uma vez, seu significado de diferente e de estranho às habilidades exercidas pelas mulheres, este passa a ser visto como extravagante, malvisto e exótico e não uma recusa das formas de sujeição imposta pelo olhar masculino, pela Igreja Católica, pela moral, principalmente, desfazer as representações sociais geradoras de identidade e de segregação entre as relações de gênero, onde as mulheres são apresentadas como categorias excludentes.

Ao se referir à promiscuidade provocada pelo futebol, tenta-se “interiorizar papéis, valores e normas existentes de forma a pautar suas condutas segundo os padrões instituidores/instituídos dos/pelos modelos normativos”⁷ privilegiando a organização e formação das identidades sexuais e de gênero, enquanto poder que regula, normaliza, revela e aponta modelos de feminilidade e masculinidade.

Ameaçador para a sexualidade feminina, o futebol, é visto como lugar da degeneração moral, como antro da perdição e da promiscuidade, devido à aglomeração e contato dos dois sexos no “trabalho”.

Tais elementos são suficientes para observar que ao falar do “mau” do futebol para as mulheres, emergem do discurso valores, preconceitos e representações sociais de gênero do emissor que impõe uma representação de uma mulher assexuada, frágil e abnegada

Entende-se por representação social, a concepção utilizada por Tânia N. Swain, “imagens, valores, normas, significações materiais e simbólicas que instituem o real, em seus aspectos social/individual”.⁸

Fabricam-se palavras que conduzem representação com um poder de “evocação tal que induzem a enquadrar”⁹ mulheres jogadoras de futebol numa categoria à parte e a adotar ou justificar

⁶ - GAZETA do Triângulo. Araguari quer o fim do Futebol Feminino. 04/04/1959.

⁷ - MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Sobre as professoras de “antigamente” que eram “feias” e “usavam “óculos”...In: Labrys, estudos feministas. N.1-2, julho/dezembro 2002. p. 02.

⁸ - SWAIN, Tânia N. “As teorias da carne”: corpos sexuados, identidades nômades In: Labrys, estudos feministas. N.1-2, p. 09.

condutas de diferenciação, orientando e organizando condutas que servem para agir sobre o espaço social. Trata-se de valores e modelos que servem para definir posturas sociais, por exemplo, quanto mais as mulheres escapavam da esfera privada doméstica, era lançado sobre elas a execração do pecado, o sentimento de culpa diante do “abandono” do lar.

Assim, através das falas proferidas, engendram, ressemantizam, reorganizam, atualizam representações sociais, às quais pode-se assujeitar ou não, como se pode perceber pela incessante propagação dos malefícios da prática do futebol pelas mulheres. Todo um discurso moralista acena para elas de vários pontos do social, com o perigo da prostituição, masculinização e da perdição diante da prática desse esporte.

Não foi por um acaso que o discurso que circulava pela Gazeta do Triângulo, emitia uma representação sobre as moças que jogavam futebol; a representação social apontava essas moças como excêntricas, ou seja, “aquilo que está fora do centro; é o extravagante, o esquisito, o diferente”¹⁰, onde se vê, que as significações, valores e normas estavam sendo questionadas, desafiadas e desestabilizadas pelas mulheres em Araguari.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que nas representações binárias da sociedade, é inaceitável mulheres que fazem a opção por algo que foge dos padrões de universalidade, de identidades homogêneas, de unidade e dos esquemas binários forte/frágil, ativo/passivo.

Com o propósito de homogeneizar a conduta das moças, segundo os padrões comportamentais pautados pelo modelo de docilidade, fragilidade, a revista Ave Maria traz uma manchete alertando os homens, pois:

“Ellas só querem hoje competir com os homens até em um campo de futebol. Vimos em São Paulo coisa incrível – uma partida de futebol feminino – cariocas versus paulistas... Amanhã, si as coisas vão nesse andar, nós homens, seremos obrigados a aprender a cosinhar, lavar, passar e engomar... e como ellas hão de ter musculos bem desenvolvidos, ai ! do maridinho que reclamar ! Tomará cada socco e cada ponta pé de rolar pelo chão, humilhado”¹¹.

É interessante observar que à mulher cabia atentar para os detalhes da vida cotidiana do lar, cozinhar, costurar e lavar. A preocupação com sua educação visava prepará-la não para a vida profissional no espaço público, mas sim para exercer sua função essencial, a carreira doméstica, implicando em sua completa desvalorização profissional, política e intelectual.

Pelo exposto, o modelo da domesticidade tampouco era recente, mas sua intensidade e suas possibilidades foram objeto de idealização a ser seguida como modelo. Naturalmente, como em muitos outros aspectos, as manifestações desse ideal diferem para várias mulheres.

⁹ - JODELET, Denise (org.). Representações Sociais. R.J.: Eduerj, 2001. p. 21.

¹⁰ - LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico” In: Labrys, estudos feministas. N.1-2, julho/dezembro 2002. p. 03.

¹¹ - REVISTA Ave Maria. A mulher e a cultura physica. S.P. 06/07/1940.

De um modo ou de outro, o perfil exposto difere do real, pois se as mulheres estivessem encerradas no espaço privado do lar não havia porque preocupar-se. Na medida em que as leituras foram avançando, novos perfis podem ser traçados: encontraremos algumas mulheres destemidas que assumiram posturas contrárias às esperadas, que impuseram sua visibilidade nos espaços públicos institucionalizados para os homens, espaço esse distribuído de maneira desigual. Esperava-se que as mulheres fossem o “anjo da guarda da humanidade” e as delicadas “flores do lar”.

No entanto, ao deparar com mulheres que não se curvaram diante da divisão binária instituída conforme o sexo biológico, que por vezes transgrediram as regras e valores dominantes, produzem um discurso que julga desvelando e comparando as mulheres como “pobres filhas de Eva”; que não lhes agradam mais serem os “anjos da família”, querem é jogar futebol ocupando o lugar dos homens e competindo com eles. O resultado disso: masculinização da mulher “moderna” que se transforma em um “monstrengo” feio e “desgracioso”.

De acordo com padre Ascanio Brandão, redator da revista Ave Maria, a mulher:

“Perde noventa por cento dos seus encantos quando se masculiniza nos gestos, nas atitudes e no vestiário, nos empregos... A mulher no seu lugar, no lar, na Escola, no hospital, como é bela, como é verdadeiramente o anjo da guarda da humanidade... Que criatura ideal! Uma bemfeitora real da humanidade! Fora da sua missão sublime, Porém, ai! que virago antipathico, que absurdo... Quanto a vocês mamãezinhas Bonecas, colibris, borboletas sem filhos... O que se precisa hoje é educação moral e Christã . Hoje a mocidade precisa de juizo e muito juízo... A falta não é de musculos. È de miolos, minha gente”¹².

Mais uma vez, é sobre a questão moral que recai o maior peso da opressão sobre as mulheres, discursos masculinos e normativos que determinam o espaço das mulheres na sociedade. Tudo que elas têm de aprender e compreender é que sua missão é ser o “anjo” do lar, de modo a não contrariar os preceitos da natureza já predeterminados e demarcados ao sexo feminino; por isso, o futebol cria condições especiais para práticas devassas e pervertidas; é associado à idéia de degradação e visto como ato de imoralidade que deve ser proibido, pois, desperta tentações ao aproximar os corpos de sexos diferentes.

Falar é trazer à comunicação valores, preconceitos e representações de gênero de quem fala; é tentar tecer a trama social de forma carregada de sentidos e significados desenhando e construindo imagens, cujos significados levam às representações binárias no espaço social, pois, falar não é um ato neutro.

Pelo exposto, é possível perceber a insistência e persistência em difundir pelo espaço social a desigualdade entre homens e mulheres. Há preocupação em reforçar as oposições binárias fixas e naturalizadas como corretas, enfim, sinalizando para uma personagem histórica universal.

¹² -REVISTA Ave Maria. Educação Physica. S.P. 04/01/1941.

Observa-se, através dos vários artigos, que a Igreja na pessoa do Padre destila saberes sobre “ser” mulher, configurando-se como um dos locus privilegiados na formação das identidades sexuais, enquanto espaço de poder que regula, normaliza e inculca modelos de feminilidade e masculinidade.

Padre Ascanio em outras crônicas debatia que a Igreja aprovava, abençoava e incentivava a cultura física. Desaprovava e protestava contra o nudismo e a promiscuidade provocados por esportes como o futebol para mulheres, pois, este era praticado em trajés “quase de Eva” e era uma exibição pública. Porém, quando praticado em colégios de Irmãs, em associações esportivas de moças, não havia quebra do recato e do pudor das jovens.

Para dar sustentação à sua fala, padre Ascanio usa os helenos como exemplo. Ele relata que os gregos, conhecidos pela “cultura física”, não educaram suas filhas em jogos violentos; pelo contrário, proporcionavam-lhes ginásticas, exercícios físicos em “delicadas” e “clássicas” danças ritmadas. Então, por que as moças insistiam em praticar exercícios violentos? Por que não faziam educação física dentro das normas do pudor e da delicadeza?

Ele perguntava e respondia afirmando que as mulheres do século XX não queriam ter a “honra” de ser mulher, isto é, “ser criatura delicada, cheia de afetos e ternuras, o anjo do lar, salvadora da humanidade”¹³. E isso se dava por haver um trabalho “diabólico” para arranca-las da Igreja e do lar, fazê-las atletas, esportistas fanáticas, enrijecendo-lhes os músculos, tirando-lhes o “pudor” e “delicadeza” do sexo, pois as mulheres não foram “talhadas” para as rudezas da luta física, e sim para as “funções” da maternidade.

Mais uma vez, pela incessante luta para trazer ou fazer com que as mulheres não saíssem do seu espaço e permanecessem em seu “lugar” de destaque - o lar -, algumas transgrediram as regras e os valores dominantes, por isso tinham de ser “recuperadas” de uma forma ou de outra; mesmo que para isso fosse necessário apelar para a lei Federal.

Em 10 de junho de 1959 foi comunicado através da manchete “Futebol Feminino: proibido pelo governo – por ser incompatível com a natureza da mulher”, que a Federação Feminina de Futebol havia endereçado circulares a todas as Ligas do Interior, filiadas àquela entidade, comunicando a proibição do futebol feminino baseado no que dispunha o artigo 54 do decreto Lei nº 3 199 de 14 de abril de 1941, onde está escrito “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.¹⁴

Na mesma nota foi dito que nenhum pedido contrário à comunicação expedida seria objeto de exame, ficando as Ligas e Clubes filiados impedidos terminantemente de promoverem

¹³ - REVISTA Ave Maria. Masculinização da mulher. S.P.: 10/01/1942.

¹⁴ - LIS – Legislação Informatizada Saraiva (56). p. 6.

patrocínios, prática e realização de futebol desta natureza sob a pena de arcarem com as punições previstas em lei.

Conseguiram estigmatizar as mulheres que se colocaram na contramão. Contudo, não foi suficiente para impedir a transformação da vida social e das formas culturais nas décadas de 40 a 60, pois, no mesmo jornal Gazeta do Triangulo e revista Ave Maria trouxeram outros artigos que questionavam e alertavam sobre o perigo da “juventude Transviada”, “santidade do casamento”, “garotas de hoje” e outros; aponta-se para rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária masculino versus feminino. Percebe-se a atuação das mulheres como sujeitos visíveis e ativas da história.

Enfim, a entrada das mulheres no espaço público levantou questionamentos e desestabilizou as tradicionais definições de gênero, “revelando a hierarquização, as relações de poder e a misoginia nelas contidas”¹⁵. É possível perceber que várias mulheres araguarinas desestabilizaram a antiga organização familiar e as definições de “ser mulher”, enquanto sujeito de suas experiências construíram e desconstruíram identidades muitas vezes em discordância às proposições de seu tempo, permitindo, hoje, reinterpretar e reelaborar suas significações dentro do campo das representações sociais.

¹⁵ -RAGO, Margareth. Feminizar é preciso ou por uma cultura filógena. In: Labrys, estudos feministas.n. 1-2 julho/dezembro 2002.p.06.